

Arquivos Lexicográficos

Oswaldo Pessoa Jr.

(atualizado em 20/08/2017)

1. “Mente” e termos correlatos	1
2. Tipos de consciência	3
3. Realismo	4
4. Materialismo	6
5. Idealismo	9
6. Classificação das teorias da mente	12
7. Glossário simplificado	14
Referências Bibliográficas	20

“Mente” e Termos Correlatos

ALMA: grego *psyche*, latim *anima*, inglês *soul*, francês *âme*, alemão *Seele*, italiano *anima*.

ALMA₁: O princípio da vida (L 44), aquilo que diferencia os seres vivos dos seres inanimados (C 755). Os gregos distinguiam três espécies de alma: a vegetativa (envolvendo nutrição, crescimento, locomoção, reprodução e declínio), a sensitiva (envolvendo sensação e sensibilidade) e a pensante (L 45-6).

ALMA₂: A alma pensante, racional, ou o princípio do intelecto (L 44-5), podendo também incluir a sensação e sensibilidade. É uma questão em aberto se a ALMA₂ (como também a ALMA₁) é material ou imaterial, ou se é uma substância independente.

ALMA₃: Alma imaterial, ou pelo menos independente da matéria e com capacidade causativa própria. Geralmente considerada imortal, mas nem sempre. Às vezes considerada a realidade mais alta ou última do mundo, às vezes o próprio princípio ordenador e governador do mundo. Provê fundamento para as atividades espirituais e religiosas humanas (A 28-9). Substância espiritual simples, unida ao corpo, cujos acidentes são as “faculdades da alma” (R 296).

ESPÍRITO: gr. *pneuma*, lat. *spiritus*, ing. *spirit*, fr. *esprit*, al. *Geist*, it. *spirito*.

ESPÍRITO₁: O sopro animador, aquilo que vivifica, o *pneuma* dos estóicos (A 413, R 299). Conserva este sentido nos magos do Renascimento (Agripa, Paracelso), no *spiritus vitalis* de F. Bacon, e nos “espíritos animais” de Descartes (L 327).

(1.1) Esta acepção foi estendida para significar gases ou produtos da destilação.

(1.2) Outra extensão do termo aparece na expressão “o espírito das leis” (Montesquieu), que se opõe à “letra das leis” (L 328, A 413).

ESPÍRITO₂: Alma racional ou intelecto (=ALMA₂) (A 413). Às vezes tomado como sinônimo de inteligência ou razão, em oposição à sensibilidade ou emoção (L 328). Presente na expressão “ciências do espírito” (Dilthey).

(2.1) Esta acepção foi estendida em expressões como “espírito de finura” ou “espírito de geometria” (Pascal), significando disposição ou atitude (L 328, A 413).

(2.2) Hegel distinguiu o espírito subjetivo (a alma individual), o espírito objetivo (instituições como o direito e a eticidade) e o espírito absoluto (o mundo da arte, filosofia e religião) (A 414).

ESPÍRITO₃: Substâncias incorpóreas como anjos, demônios, almas dos mortos, ou o “espírito santo” (A 413, L 327).

MENTE: lat. *mens*, ing. *mind*, fr. *esprit*, al. *Geist*, *Psyche*, it. *mente*.

MENTE₁: Intelecto, incluindo a vontade (A 762) (=ALMA₂) (=ESPÍRITO₂). Termo usado tipicamente no contexto da filosofia analítica contemporânea, envolvendo as questões da relação entre mente e corpo, da natureza das representações, da intencionalidade, das emoções (A 762, C 597). Mente individual, o sujeito que percebe, lembra, imagina, sente, concebe, raciocina, deseja, e está associado a um corpo (R 198).

MENTE₂: Substância metafísica que permearia todas as mentes individuais. A substância pensante de Descartes (R 198).

CONSCIÊNCIA: gr. *syneidesis*, lat. *conscientia*, ing. *consciousness*, fr. *conscience*, al. *Bewußtsein*, it. *coscienza*.

CONSCIÊNCIA₁: Intuição, mais ou menos clara, que o ESPÍRITO₂ tem dos seus estados e dos seus atos (L 195). Possibilidade que cada um tem de dar atenção aos seus próprios modos de ser e às suas próprias ações, de estar ciente dos próprios estados, percepções, ideias, sentimentos, volições etc. (ing. *awareness*, it. *consapevolezza*) (A 217). A mente consciente, em oposição à mente inconsciente ou subconsciente (R 64).

CONSCIÊNCIA₂: Partindo da CONSCIÊNCIA₁, trata-se de um conceito mais complexo, referente à relação da alma consigo mesma, pela qual o homem interior pode conhecer-se de modo imediato e privilegiado, e por isso julgar-se de forma segura e infalível (A 217). Conhecimento imediato não apenas de si mesmo, mas de outras coisas (Kant, Hamilton, Schopenhauer) (L 196).

(2.1) “Consciência em geral” (Kant), enquanto puramente lógica, objetiva, universal e necessariamente válida, e em oposição à consciência psicológica (R 64 A 227-8).

CONSCIÊNCIA₃: Consciência moral (ing. *conscience*, al. *Gewissen*) em oposição aos sentidos anteriores de consciência psicológica. Propriedade que o espírito humano tem de fazer juízos normativos espontâneos e imediatos sobre o valor moral de certos atos individuais (L 197).

SUBJETIVIDADE: ing. *subjectivity*, fr. *subjectivité*, al. *Subjektivität*, it. *sogettività*.

SUBJETIVIDADE₁: Caráter de todos os fenômenos psíquicos, porquanto fenômenos da CONSCIÊNCIA₁, ou seja, os que o sujeito relaciona consigo mesmo e chama de “meus” (A 1089).

(1.1) Por extensão, o estado de espírito de quem é cegado por suas emoções ou por seu estado de loucura (L, 1061).

SUBJETIVIDADE₂: Caráter do que é subjetivo, no sentido de ser aparente, ilusório ou falível (Hegel) (A 1089), ou no sentido do espaço e do tempo kantiano (L 1060).

INTELECTO: gr. *nous*, lat. *intellectus*, ing. *intellect*, *understanding*, fr. *intellect*, al. *Verstand*, it. *intelletto*.

INTELECTO₁: Sinônimo: entendimento (L 575). A faculdade geral de pensar, de “ler dentro” (*intus legere*), que se opõe ao conhecimento pelos sentidos (Aquino) (A 655-6). A intelecção necessita da razão, mas é mais alta do que esta; mais do que conhecimento, a intelecção busca a sabedoria (Agostinho) (R 147). Aristóteles distinguiu entre um intelecto passivo (que tem a potencialidade de ser todos os objetos) e um intelecto ativo (que produz esses objetos, como a luz) (A 657-8).

Refinamentos de “Consciência”

Conceito geral de CONSCIÊNCIA₁:

Intuição, mais ou menos clara, que o espírito tem dos seus estados e dos seus atos. Possibilidade que cada um tem de dar atenção aos seus próprios modos de ser e às suas próprias ações, de estar ciente dos próprios estados, percepções, ideias, sentimentos, volições etc. A mente consciente, em oposição à mente inconsciente ou subconsciente (ver p. 2).

Citação clássica:

“A consciência não pode ser definida: nós mesmos podemos estar totalmente cientes do que seja a consciência, mas não conseguimos sem confusão transmitir para os outros uma definição do que nós mesmos apreendemos com clareza. A razão é simples: a consciência está na raiz de todo conhecimento” (William Hamilton, [1837] 1859, *Lectures on Metaphysics*, I, p. 132).

Tipos de CONSCIÊNCIA:

(Divisão tripla básica, análoga à divisão entre neurônios sensorial, motores e interneurônios. Baseada nas referências de Block e Tye)

- (1.1) **Consciência fenomênica.** A experiência subjetiva, as qualidades fenomenológicas imediatas (*phenomenal consciousness*). Como é sermos o que somos (*what it is like to be us*), a maneira como as coisas aparecem para nós. A maneira como uma cor aparece ou um som soa, a maneira como sentimos uma dor. As propriedades experienciais (vivenciais) das sensações, percepções, sentimentos, pensamentos, emoções e desejos. [O campo dos qualia, das qualidades subjetivas.] [B, T]
- (1.2) **Consciência de acesso.** O fato de que representações mentais estão disponíveis para o raciocínio e para guiar racionalmente a fala e as ações. Temos livre acesso a tais conteúdos mentais, disponíveis para controle global. Trata-se de um aspecto “funcional” da consciência, ao contrário da consciência fenomênica (Block). Tye define uma “consciência de resposta” (*responsive consciousness*) e a julga semelhante à consciência-de-acesso. [B,T]
- (1.3) **Consciência como pensamento de ordem superior.** Um estado de consciência acompanhado do pensamento de que se está neste estado [uma espécie de auto-referência]. Conceito explorado por Rosenthal (*Phil. Stud.* 49: 329-59, 1986). [Tye também define esta “consciência de ordem superior”; Block a inclui na “consciência de monitoramento”, juntamente com 1.5]

Alguns outros tipos propostos:

- (1.4) **Consciência discriminatória** (ou atencional). Capacidade de discriminar algo em nosso campo perceptivo, como um passarinho em meio à folhagem. [Só Tye; Block a incluiria talvez em 1.1]
- (1.5) **Consciência como escaneamento interno.** Capacidade de escaneamento interno, de visitar conteúdos da memória, porém de maneira distinta do que ocorre em um computador. [Só Block define isso, mas a inclui na “consciência de monitoramento”, juntamente com 1.3]
- (1.6) **Consciência de si.** Auto-consciência (*self-consciousness* ou *self-awareness*): a posse do conceito de “eu” ou ego (*self*), e a habilidade de usar este conceito para pensar sobre si mesmo. Alguns defendem que um critério para essa consciência-de-si é o teste de se olhar em um espelho com uma pinta no rosto: bebês com menos de 1½ anos não colocam a mão na pinta, e nem a maioria dos mamíferos. [Block a define; Tye a incluiria talvez em 1.3]

Classificação do psicólogo Thomas Natsoulas (1983) das acepções de CONSCIÊNCIA:

- N.1. CONSCIÊNCIA₁:** Sentido social, de conhecimento conjunto ou mútuo, um grupo “com-ciente”, do latim *conscio*. Usado no séc. XIX, como em Hobbes: “Quando dois ou mais homens conhecem um mesmo fato, diz-se que são conscientes deste entre si”. Dizia-se que alguém “é meu consciente” se ele é meu cúmplice. Asch (1952) falava em “consciência social” como uma consciência que emerge das mentes individuais em interação.
- N.2. CONSCIÊNCIA₂:** Conhecimento interno: possibilidade de dar um testemunho de si mesmo. Seria um conhecimento de fatos objetivos sobre si mesmo, por exemplo, se cometi ou não um ato criminoso.
- N.3. CONSCIÊNCIA₃:** Estado de estar ciente (*aware*) de algo, tanto de um objeto externo quanto de um interno, incluindo em sonhos. Estender-se-ia para alucinações.
- N.4. CONSCIÊNCIA₄:** Auto-consciência. Locke: “a consciência é a percepção daquilo que passa na própria mente de um homem”. Teria um componente racional ou linguístico.
- N.5. CONSCIÊNCIA₅:** Identidade pessoal. A totalidade do eu (*self*) consciente, ou seja, a totalidade das impressões, pensamentos e sentimentos de uma pessoa. Locke considerou a possibilidade de duplicar a consciência₅ em outro corpo, de maneira que “duas substâncias pensantes possam formar uma mesma pessoa”.
- N.6. CONSCIÊNCIA₆:** Vigília, o contrário de coma.

Arquivo Lexicográfico 3

Realismo

REALISMO: (Termo usado pela 1ª vez por Mazolino, 1496, no sentido de REALISMO_{1,2}, A 979).

REALISMO₁ (Realismo de Universais):

- (1.1) Doutrina platônica segundo a qual as “ideias” ou “formas” são mais reais do que os seres individuais e sensíveis, que são apenas o seu reflexo e a sua imagem (L 926).
- (1.2) Por consequência, na Idade Média, a doutrina segundo a qual os “universais” (gêneros e espécies, associados a termos gerais, como brancura, triangularidade ou cavaliade) existem independentemente das coisas nas quais se manifestam (L 926). Versão aristotélica: universais têm existência *in re* (nas coisas); versão platônica e tomista: têm existência *ante rem* (antes das coisas) (L 1170, A 1168).

Opõe-se ao CONCEPTUALISMO, que afirma que um termo geral é apenas um conceito em nossas mentes (tem existência *post rem*, em nosso intelecto), e ao NOMINALISMO₁, que diz que um termo geral é apenas um nome, uma entidade linguística, um *flatus vocis* (Roscelin), e nada mais. O uso do termo NOMINALISMO₂ frequentemente abarca estes dois últimos sentidos, sustentando a redução dos universais à “função lógica da predicabilidade”, dividindo-se apenas por atribuir ou não realidade psíquica ao universal (A 1169).

REALISMO₂ (Realismo de Inobserváveis):

- (2.1) **Realismo metafísico, ontológico ou externo:** Doutrina segundo a qual o ser é independentemente do conhecimento atual que podem ter os sujeitos conscientes (L 926, A 979). A concepção segundo a qual há objetos reais (usualmente considerados como sendo espaço-temporais), que existem independentemente de nosso conhecimento deles, e cujas propriedades e relações mútuas são independentes dos conceitos que utilizamos para compreendê-los (C 488). A tese de que há uma realidade independente da mente, ou pelo menos parte da realidade é ontologicamente independente de mentes humanas (N 10, 21).
- (2.2) **Realismo epistemológico:** Pressupondo o realismo metafísico, trata-se da tese de que podemos conhecer aspectos da realidade externa. No contexto da filosofia da ciência, Niiniluoto exprime isso em termos de duas teses: (a) *Realismo semântico:* A verdade deve ser entendida como uma relação semântica de correspondência entre linguagem e realidade. (b) *Realismo teórico:* Os conceitos de verdade e falsidade podem ser aplicados a todos os produtos linguísticos da investigação científica, em particular aos termos teóricos, que refeririam a entidades inobserváveis (N 10).

REALISMO₃ (Realismo interno ou intraexperencial): O próprio Kant se colocava como um realista (em oposição ao IDEALISMO₁), mas esta é uma extensão do termo para um caso limítrofe, pois trata-se de um realismo dentro do contexto da experiência empírica (C 357), dentro da relação sujeito-objeto (e não para além dela, como no REALISMO₂). Putnam (1978) desenvolveu posição semelhante, que chamou “realismo interno”, ao passo que Rescher (1973) chamou sua concepção, também semelhante, de “idealismo conceitual”.

REALISMO₄ (Realismo nas artes): Doutrina que pretende que a arte nunca deve procurar idealizar o real, mas apenas exprimir as características efetivas essenciais do que é. (Naturalismo) Tendência artística para representar sobretudo no homem o lado pelo qual revela sua natureza, ou o que lhe é natural (L 927).

Realismo Científico Crítico (Niiniluoto, pp. 10-11):

- (R0): *Realismo ontológico*: Parte da realidade é ontologicamente independente de mentes humanas.
- (R1): *Realismo semântico*: A verdade é uma relação de correspondência entre linguagem e realidade.
- (R2): *Realismo teórico*: Enunciados teóricos (referindo a inobserváveis) possuem valor de verdade.
- (R3): *Realismo axiológico*: A verdade é o objetivo essencial da ciência.
- (R4) *Realismo crítico*: É difícil atingir a verdade ou reconhecê-la, mas mesmo assim é possível se aproximar dela e avaliar racionalmente este progresso cognitivo.
- (R5) *Realismo convergente*: A melhor explicação para o sucesso da ciência é que as teorias científicas são aproximadamente verdadeiras ou se aproximam da verdade.

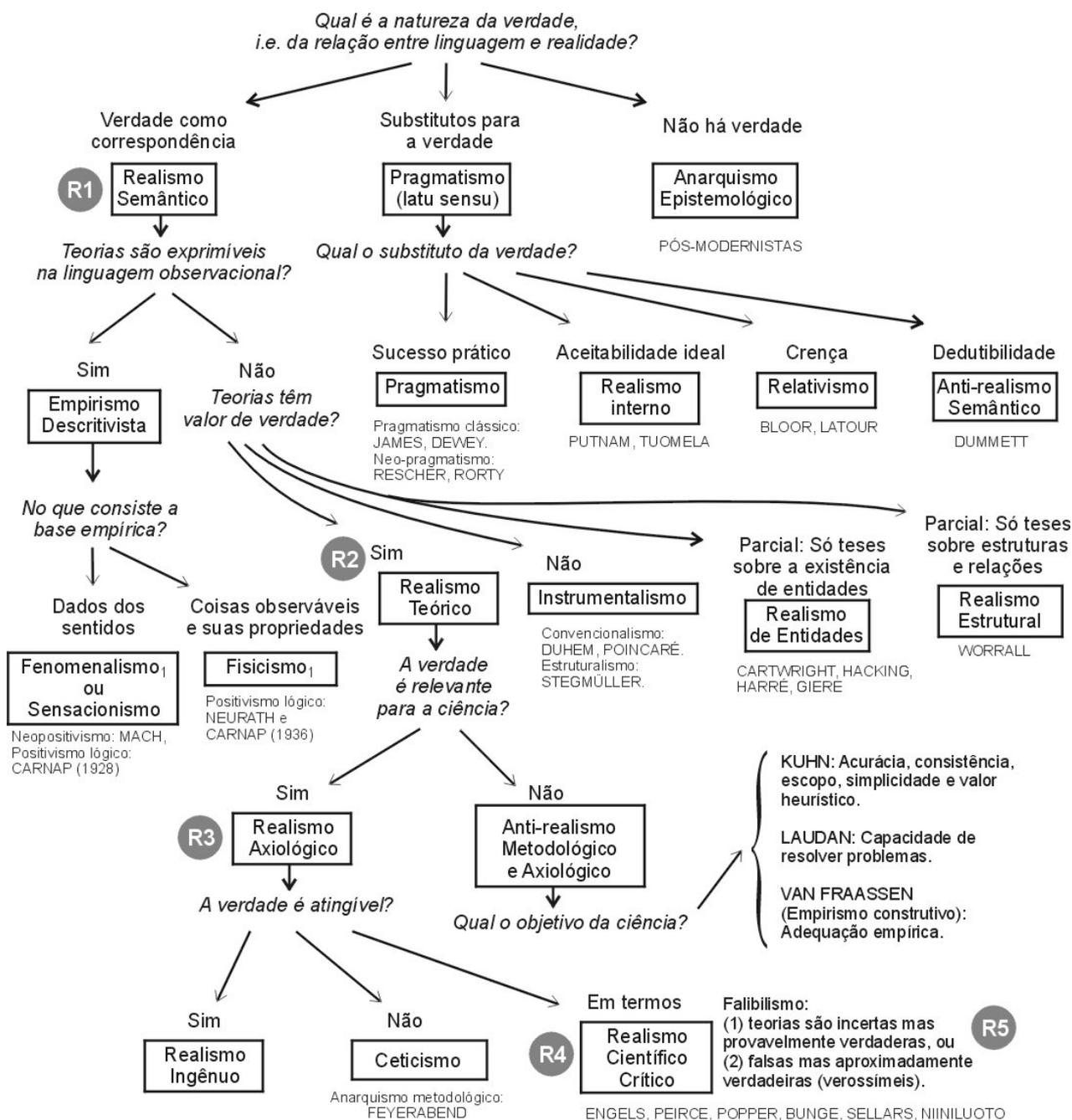


Fig. 3.1: Diagrama em árvore para classificar diferentes concepções filosóficas, proposta por Niiniluoto (p. 11). Quais as vantagens e desvantagens de um tal diagrama de árvore?

Arquivo Lexicográfico 4

Materialismo

MATERIALISMO: (Termo cunhado por Robert Boyle, 1674)

MATERIALISMO₁: (**MATERIALISMO METAFÍSICO** ou **COSMOLÓGICO**, A 747-8) (Ontologia) Doutrina segundo a qual não existe outra substância além da matéria, concebida como um conjunto de objetos individuais, representáveis, figurados, móveis, ocupando cada um uma região determinada do espaço (L 650). Questão metafísica: há só entidades materiais (materialismo), entidades mentais (a mente e seus estados: idealismo), ou os dois (dualismo de substância)? (C 489) Monismo segundo o qual tudo é material ou físico (C 599). Toda doutrina que atribui causalidade apenas à matéria (A 747).

MATERIALISMO₂: (**MATERIALISMO METODOLÓGICO**, **FISICISMO₁** ou **FISICALISMO₁**, A 747-8) (Epistemologia) Tese metodológica, não comprometida necessariamente com o materialismo metafísico, segundo a qual a única explicação possível dos fenômenos é a que recorre aos corpos e aos seus movimentos (Hobbes) (A 747), ou aos corpos macroscópicos (em oposição às sensações ou às entidades microscópicas) (Carnap).

MATERIALISMO₃: (**MATERIALISMO PSICOFÍSICO**, A 747; **FISICISMO₂**). (Psicologia) Doutrina segundo a qual todos os fatos e estados de consciência são idênticos, se reduzem ou são meros epifenômenos dos estados corporais. Fenômenos mentais só poderão ser corretamente explicados pela ciência se os referirmos aos fenômenos fisiológicos correspondentes (L 651). Na morte do corpo, desaparece a mente. Consistente com o **MATERIALISMO₁**.

MATERIALISMO₄: Versão do materialismo metafísico que colocaria a “matéria” como fundamento último da realidade, e não outras possíveis entidades físicas, como energia, forças, campos, etc. Essa concepção era comum até o séc. XVII. Quando Ostwald (1896) anunciou o “fracasso do materialismo científico”, ele estava na verdade defendendo um fisicalismo que tinha por base o conceito de energia.

MATERIALISMO₅: (**MATERIALISMO PRÁTICO**, A 747). (Ética) Doutrina prática segundo a qual a saúde, o bem-estar, a riqueza, o prazer devem ser tidos como os interesses fundamentais da vida (L 651). “I’m a material girl” (Madonna). A ética que adota o prazer como guia do comportamento é o “hedonismo”, geralmente associado mas distinto do materialismo prático (A 748).

FISICISMO OU FISICALISMO: (Termo cunhado por Neurath e Carnap, 1931, no sentido 1)

FISICISMO₁: Tese desenvolvida pelo positivismo lógico, que afirma que todo termo de observação (da linguagem da ciência) designa propriedades observáveis das *coisas macroscópicas* (e não a impressões sensoriais, como no fenomenismo). A aplicação do **FISICISMO₁** à psicologia é a base lógica do método do behaviorismo (D 235). Corresponde ao **MATERIALISMO₂ METODOLÓGICO** descrito acima.

FISICISMO₂ (FISICALISMO ONTOLÓGICO): No sentido mais amplo, é o **MATERIALISMO₁** aplicado à questão da natureza da mente, ou seja, o **MATERIALISMO₃ PSICOFÍSICO**. É a tese de que tudo o que existe ou acontece é constituído, em última análise, de entidades físicas, ou pelo menos das entidades das ciências naturais (sem intencionalidade). Em sentido “semântico”, tudo o que existe ou ocorre poderia ser descrito completamente no vocabulário da física.

Esclarecimento de significado:

Nenhum dos dois termos, “materialismo” e “fisicalismo”, é livre de problemas. “Materialismo” parece sugerir que a matéria seria o fundamento, não energia, campos ou outra entidade física (como no **MATERIALISMO₄**). Por outro lado, o termo “fisicalismo” parece se comprometer com a tese de que a química e a biologia são redutíveis à física, mas não é preciso

supor isso. O ponto principal é a tese de que a mente é constituída unicamente das entidades e processos descritos nas ciências naturais não-intencionais, ou seja, na física, química, biologia, geociências, etc (por exemplo, o princípio de seleção natural não faz parte da física). Já Feigl (1958) considera “físico” como “o tipo de conceitos e leis que são suficientes em princípio para a explicação e previsão de processos inorgânicos” (C 618).

Em classe, adotamos a convenção de utilizar “materialismo” para a tese mais fraca de que a consciência é produzida pelo corpo material, e que na morte desaparece a consciência. Por “físicismo”, entendemos a tese de que não há entidades “não físicas”. Um materialismo não-fisicista (Chalmers) defende que entidades não físicas (como os qualia) emergem do corpo material. Um fisicista não-materialista defenderia que a alma é uma entidade física ou material, e que ela sobreviveria à morte do corpo, ou mantendo sua unidade ou dispersando-se pelo Universo.

Variedades de MATERIALISMO₁ ao longo da história:

- a) MATERIALISMO ATOMISTA (greco-romano): Tudo são átomos no vazio. Visão descontinuista, determinista (com exceção de Epicuro) reducionista, mecanicista clássico (L 650-1). Primeira forma de “materialismo metafísico”, salientando-se a negação do finalismo do universo (A 747-8).
- b) MATERIALISMO INDIANO: Na Índia antiga, a partir do séc. VI AEC, desenvolveu-se uma filosofia materialista conhecida inicialmente como *lokayata* e posteriormente como *carvaka*. A alma seria produzida a partir dos quatro elementos materiais, por um processo semelhante à fermentação. (DASGUPTA, 1975, pp. 512-50).
- c) MATERIALISMO MECANICISTA (Hobbes): Monismo inspirado na substância extensa de Descartes, levando ao homem-máquina. Mantém o determinismo e o mecanicismo clássico (únicas forças advêm de colisões), mas o continuismo passa a ser aceitável.
- d) MATERIALISMO VITALISTA (de la Métrie, Maupertuis, Diderot, Priestley): Materialismo não-mecanicista, que considera que a mente surge da matéria. Quase um pampsiquismo, segundo SKRBINA (p. 102). Precursor do emergentismo.
- e) MATERIALISMO DINÂMICO (Séc. XIX: Büchner, Vogt): Influenciado pela fisiologia, conceitos de força e/ou energia ganham preponderância sobre o de matéria (dinamicismo, energeticismo). Mecanicismo incorpora forças que atuam à distância.
- f) MATERIALISMO EVOLUCIONISTA (Haeckel): Incorporação da concepção evolucionista da biologia na visão de mundo materialista. Levou tanto ao epifenomenismo de Thomas Huxley quando ao emergentismo de Lloyd Morgan, etc. (ver adiante).
- g) MATERIALISMO DIALÉTICO (Marx & Engels): Universo material está envolvido numa evolução ascendente, com o surgimento de mudanças qualitativas novas (emergentismo), regido pela dialética. O “materialismo histórico” designa a visão associada que enfatiza que os fatos econômicos constituem a base e a causa determinante de todos os fenômenos históricos e sociais. (L 651-3)
- h) MATERIALISMO DO SÉC. XX, FISCISMO₂: Incorporando com dificuldade a teoria da relatividade restrita e a física quântica (que o positivismo incorporou bem), desemboca em 1970 num projeto majoritariamente emergentista para a solução do problema mente-corpo. Sucedendo o positivismo lógico e o behaviorismo, salienta-se que é uma visão realista.

Esclarecimento de significado: Há doutrinas que veem o mundo como material, mas que não são estritamente materialistas por adicionarem princípios: Empédocles, com as forças de amor e ódio; Aristóteles, com a forma e causa final; estóicos, com um princípio racional divino; Gassendi, cujos átomos foram criados por Deus (A 747-8).

Variedades de MATERIALISMO₃ (FISCISMO₂) no séc. XX:

Distinção preliminar:

FISICISMO DE OCORRÊNCIA, INSTÂNCIA, EVENTO OU ESPÉCIME (*Token physicalism*): Todo estado mental particular é um determinado estado corporal particular. Tese geralmente aceita por materialistas não-redutivos.

FISICISMO DE TIPO OU ESPÉCIE (*Type physicalism*): Uma espécie de estado mental, como a dor, seria idêntica a uma certa espécie de situação física, por exemplo o disparo de certos nervos. Tese mais forte que a anterior, pois implica o fisicismo de ocorrência, enquanto que a recíproca não é verdadeira. Rejeitado pelo materialismo não-redutivo.

Variedades mais destacadas:

- i) TEORIA DA IDENTIDADE MENTE-CÉREBRO (MATERIALISMO IDENTISTA) (Feigl, Place, Smart): Materialismo realista que defendia originalmente que tipos de sensações são (numericamente) idênticos a tipos de processos cerebrais. A identificação é contingente, e seria preciso a pesquisa científica para estabelecer as identidades (A 600).
- j) MATERIALISMO DE ESTADO CENTRAL (Armstrong): Extensão da teoria da identidade para todos os estados mentais, que seriam contingentemente idênticos a estados do sistema nervoso central. Acaba sendo uma forma de funcionalismo (C 600-1).
- k) MATERIALISMO EPIFENOMENISTA ou EPIFENOMENISMO (termo cunhado por William James, 1890, significando que a mente é um fenômeno “superficial”; a doutrina aparece em Charles Bonnet, 1755; Shadworth Hodgson, 1865; Thomas Huxley, 1874): Estados mentais não possuem poderes causais, sendo uma espécie de “sombra” dos processos corporais. A ação psicofísica é unidirecional: do corporal ao mental. Nesta concepção, fica difícil sustentar que sejamos agentes intencionais racionais. O “epifenomenismo de ocorrência” é mais forte, afirmando que eventos mentais nunca causam nada; já o “epifenomenismo de tipo” afirma somente que nenhum evento pode causar nada em virtude de estar sob um tipo mental (C 598, 603; G 277-88).
- ℓ) MATERIALISMO ELIMINATIVISTA ou ELIMINATIVISMO (Paul Churchland, 1981): Os termos usados para descrever nossos estados psicológicos de senso comum (“tenho crenças, desejos, etc.”) deverão ser eliminados quando surgir uma teoria neurofisiológica mais completa, da mesma maneira que conceitos como “flogisto” e “calórico” já foram eliminados das teorias físicas (G 270, 474).
- m) MATERIALISMO REDUTIVO OU REDUCIONISTA: Termo genérico que congrega os itens *h-i-j* e possivelmente outras variedades, mas não o materialismo eliminativista, que discorda que se possa reduzir adequadamente o mental ao corporal. Qualquer defesa da micro-redução da psicologia humana à neurociência. (G 472-4)
- n) MATERIALISMO EMERGENTISTA (NÃO-REDUTIVO) ou EMERGENTISMO: Originado com os filósofos britânicos, Mill (1843), Bain (1870), Lewes (1875), Alexander (1920), Lloyd Morgan (1923) e Broad (1925), aceita o fisicismo de ocorrência (instâncias de estados mentais são instâncias de estados neurofisiológicos), mas rejeita o fisicismo de tipo, pois tipos mentais são seriam redutíveis a tipos físicos. O “monismo anômalo” de Davidson (1970) rejeita que tipos mentais intencionais sejam redutíveis a tipos cerebrais. Introduce a noção de que estados mentais sobrevivem a estados corporais (ver “superveniência”). O materialismo não-redutivo muitas vezes desemboca no dualismo de atributos (C 602-3, G 474-6). Alguns emergentistas, como Sperry (1976), defendem a “causação descendente”, com o mental tendo poderes causais para modificar o estado cerebral.

Caso limítrofe, um materialismo não-realista:

BEHAVIORISMO LÓGICO (Ryle, Carnap): Falar de fenômenos mentais seria apenas uma forma abreviada de falar sobre o comportamento corporal visível (C 599). Trata-se de uma forma de positivismo (anti-realismo), ao não ir além da sistematização das observações, mas era considerado por muitos como uma forma de materialismo, já que as explicações reduzem-se sempre a explicações físicas (envolvendo estímulo e resposta).

Idealismo

IDEALISMO: (termo introduzido no séc. XVII, inicialmente por Leibniz no sentido de IDEALISMO_{4,1}, com referência ao realismo das ideias de Platão, e por Wolff no sentido de IDEALISMO₁).

IDEALISMO METAFÍSICO: Negação de que a realidade do mundo seja independente de mentes (M 227). Dividiremos este idealismo em três categorias (1,2,3), conforme a força dessa negação. Antes, porém, devemos reconhecer duas formas gerais de idealismos (que se aplicariam aos três casos de idealismo metafísico), dependendo do que se considera ser uma “mente” ou “espírito”.

- (A) (Idealismo pessoal ou personalista) Considera apenas a MENTE₁ pessoal, tendendo assim a reduzir a existência do mundo ao *pensamento individual*, de uma pessoa, ou à coleção distributiva de mentes individuais (L 487, C 356, R 137).
- (B) (Idealismo impessoal) Tende a reduzir a existência ao pensamento em geral (L 487). Aqui ter-se-ia que distinguir entre um “idealismo absoluto”, em que a mente estaria fora ou atrás da natureza [como no IMATERIALISMO₂ de Berkeley], um “idealismo cósmico”, em que a mente seria um poder de racionalidade que permeia toda a natureza [Hegel], ou um “idealismo social”, com uma mente social impessoal das pessoas em geral [Durkheim] (C 356).

IDEALISMO₁ (Idealismo ontológico): Tese de que os corpos têm somente existência ideal em nosso espírito, negando assim a existência real dos próprios corpos e do mundo (Wolff) (A, 607-8). Redução da existência ao pensamento, no sentido mais amplo de “pensamento”. Opõe-se ao realismo ontológico (L 487). Este caso mais forte pode ser chamado de “idealismo causal”: tudo o que existe, exceto as próprias mentes, surgem causalmente das operações das mentes (M 227). Aqui podemos enquadrar “idealismo pluralístico” de Leibniz, com sua concepção imaterial das mônadas, o IMATERIALISMO₁ de Berkeley e as diferentes formas de idealismo romântico (Fichte, Schelling, Hegel).

IDEALISMO₂ (Idealismo transcendental): O termo “transcendental” refere-se tipicamente à filosofia de Kant, que considera o espaço e tempo como construtos mentais (ver mais sobre Kant abaixo). Nas palavras de Rescher, “a concepção de que a realidade, como a entendemos, reflete o funcionamento da mente” (C 355). Engloba não só o “idealismo conceitual” de Rescher (ver abaixo), mas também o “realismo interno” de Putnam (ver REALISMO₃).

IDEALISMO₃ (Idealismo sensacionista): Forma ainda mais branda de idealismo, próxima da anterior, presente por exemplo em Condillac, para quem a existência de uma realidade material não é considerada falsa nem duvidosa, mas apenas como impossível de captar pela observação direta e impossível de demonstrar (L 489). O SENSACIONISMO ou “sensualismo” (ver figura da p. 8) é uma variedade do empirismo que defende que todo o conhecimento provém das sensações (L 1000, R 289). O “monismo neutro” de Mach também se enquadraria nesta forma de idealismo, não recaindo no IDEALISMO₂ por não atribuir à mente um tão vasto poder estruturador da realidade.

IDEALISMO₄ (Realismo de ideias): Qualquer concepção que atribui um estatuto importante ou independente para as ideias.

- (4.1) A filosofia de Platão afirma a realidade das ideias ou formas puras, sem negar porém a realidade do mundo material, mas relegando-o a um segundo plano. (A 607).
- (4.2) Às vezes, Descartes e Locke são chamados de “idealistas”, por darem destaque às ideias em nossas mentes (R 136).

IDEALISMO₅ (nas artes): Por oposição ao REALISMO₄ nas artes, aplica-se às doutrinas que consideram que o objetivo da arte não é a imitação da natureza, mas sim uma “idealização” de uma natureza fictícia, mais satisfatória para o espírito (L 492).

IDEALISMO₆ (sentido moral ou social): Posição que concede um lugar importante para o “ideal”, e que busca reformar o que há de mau na sociedade, sendo chamado de “idealista” (L 491).

Confluência de termos: Rescher chama atenção para a curiosa confluência dos conceitos de realismo e idealismo em certos casos, como o de um realismo ingênuo, para quem “coisas externas existem exatamente como as conhecemos”, que pode ser entendido como uma forma de idealismo se for dada ênfase às quatro últimas palavras, ou como uma forma de realismo se a ênfase for nas três primeiras palavras (C 356). Vimos algo parecido no IMATERIALISMO₂ de Berkeley, que ao introduzir a percepção de Deus recai numa espécie de realismo. Outro caso de confluência é o REALISMO₃ intraexperencial de Kant etc, que se identifica com o IDEALISMO₂. Huxley (1874, p. 211): “Os extremos se tocam; o lema dos materialistas de que ‘o pensamento é uma secreção do cérebro’ é a doutrina fichteana de que ‘o universo fenomênico é a criação do eu’, expresso em outra linguagem”.

Variedades de IDEALISMO METAFÍSICO ao longo da história:

IDEALISMO INDIANO: As escolas do hinduísmo e do budismo apresentaram desde seus primórdios uma tendência ao idealismo metafísico forte, tanto de caráter pessoal quanto impessoal. Por exemplo, para a doutrina do “drstisrsti” da tradição Advaita Vedanta do hinduísmo (séc. X), o mundo é como um sonho criado pela percepção. Para os budistas da escola Vijnanavada, só há representação, ou seja, um objeto só existe enquanto é conhecido. (SMART, N., *World Philosophies*, Routledge, Londres, 1999, pp. 33, 37, 58-9).

IDEALISMO NA GRÉCIA: Poucos filósofos da antiguidade europeia defenderam o idealismo metafísico. Anaxágoras (séc. V AEC) defendeu que todas as coisas foram criadas por uma mente divina. O neoplatotista Plotino (séc. III EC) afirmou que no universo só há lugar para a alma, e que o tempo só existe na alma (Wikipédia). Sobre Platão, ver acima.

IDEALISMO CHINÊS: Wang Yangming (séc. XV) foi um filósofo neo-confuciano que defendeu que os objetos não existem separados das mentes, pois estas moldam aqueles (Wikipédia).

IDEALISMO PROBLEMÁTICO (Descartes): Termo cunhado por Kant para designar a concepção que declara indubitável somente a afirmação empírica “eu sou” (A 607). Como observa L. (488), há de se considerar que esta dúvida hiperbólica é apenas provisória em Descartes, pois posteriormente pretendeu demonstrar a existência do mundo material. Se Descartes permanecesse apenas em seu cogito, teríamos um SOLIPSISMO ONTOLÓGICO.

IDEALISMO IMATERIALISTA (Leibniz, Berkeley): Denominado idealismo “dogmático” por Kant, este comenta que Berkeley considerou o espaço como algo em si mesmo impossível, donde rejeitou a existência das coisas materiais nele contidas (A 607, L 488). Berkeley estava próximo dos empiristas sensacionistas, que seriam no máximo classificados como IDEALISTAS₃, mas ele enfatiza a fórmula *esse est percipi* (ser [real] é ser percebido), que o enquadra num IDEALISMO₁ mais forte, às vezes chamado de “idealismo epistemológico” (R 137). Berkeley transforma esse IMATERIALISMO₁ pessoal em uma forma mais branda e absoluta (IMATERIALISMO₂), ao considerar que o mundo percebido por Deus (mas talvez não percebido por nenhum ser finito) também é real.

IDEALISMO TRANSCENDENTAL (Kant, 1781): “Chamo idealismo transcendental de todos os fenômenos a doutrina segundo a qual nós os consideramos sem exceção como simples representações, não coisas em si; e segundo a qual tempo e espaço são apenas as formas sensíveis da nossa intuição, não determinações dadas em si próprias ou condições dos objetos enquanto coisas em si” (L 489).

IDEALISMO₁ ROMÂNTICO ou ALEMÃO: Originada na Alemanha no período pós-kantiano (em torno de 1800), e para o qual não há nada fora do espírito. Schelling chama o sistema de Fichte de “idealismo subjetivo”, em oposição ao ponto de vista de Spinoza, que reduzira toda realidade a uma substância objetiva: aqui ela é toda reduzida ao eu. Fichte também chama seu sistema

de “idealismo transcendental”. O sistema de Schelling seria o “idealismo objetivo”. Hegel toma essas posições como tese e antítese, e formula seu “idealismo absoluto” como síntese: para ele, o finito é ideal, ao passo que o verdadeiro ser é infinito. Na fórmula de Schopenhauer, “o mundo é a minha representação”. (A 608, L 490-1)

ESPIRITUALISMO FRANCÊS: Uma corrente idealista se formou na França a partir de Condillac e Biran, destacando-se o espiritualismo de Cousin, Renouvier, Boutroux e finalmente Bergson.

IDEALISMO DE LÍNGUA INGLESA: Influenciados por Kant e Hegel, os britânicos Green, Bradley, Bosanquet, McTaggart, etc. desenvolveram uma tradição idealista, que nos Estados Unidos foi representada por Royce, Howison, etc.

IDEALISMO NA PASSAGEM DO SÉCULO: Em outros países destacaram-se filósofos idealistas, como os italianos Gentile e Croce, os espanhóis Unamuno e Ortega y Gasset, o russo Lossky, o sueco Boström e o argentino Aznar. Na Alemanha, Fechner, Dilthey, Lotze, Brentano, etc (R 139).

FENOMENOLOGIA (Husserl): Método de investigação das essências dos objetos, considerados separados do seu estatuto existencial (R 137).

CONSTRUTIVISMO RADICAL: Versão científica contemporânea do idealismo metafísico, influenciada pela 2ª Cibernética, defendida por Foerster, Uexküll, von Glasersfeld, Kelly, e os chilenos Maturana e Varela, entre outros (<http://www.univie.ac.at/constructivism>).

IDEALISMO CONCEITUAL: Posição moderada, explorada no livro de Rescher, *Studies in Idealism* (2005), segundo a qual as propriedades que atribuímos às coisas físicas são no fundo propriedades relacionais, que envolvem a mente. Considera a mente social, refletida na linguagem e na cultura acumulada; aceita a teoria biológica da evolução, segundo a qual a mente evoluiu paulatinamente de uma realidade sem mentes; e admite que a mente não é livre para proceder como deseja (pois há leis naturais). Próxima ao “realismo interno” de Putnam, e talvez ao “idealismo fenomenista” de John Foster (2008).

IDEALISMO QUÂNTICO: Nos anos 1930 iniciou-se uma tradição de interpretar a física quântica em termos idealistas, com a mente humana causando colapsos das ondas quânticas (London & Bauer, Eddington, Wigner). A partir dos anos 1980 esta tradição foi reforçada pela tese de que o cérebro humano funcionaria de maneira essencialmente quântica, e pela exploração da “não-localidade”. Dentre os novos espiritualistas quânticos destacam-se Stapp, Goswami, etc.

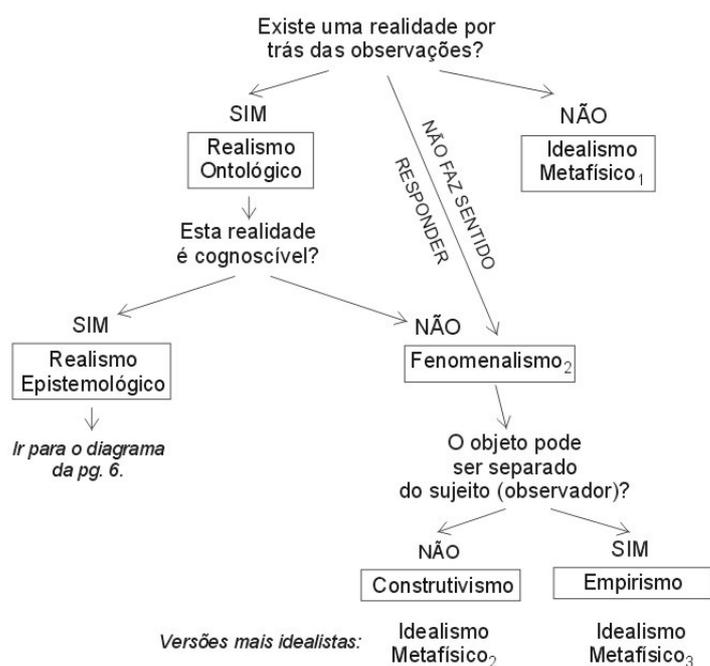


Fig. 5.1: Diagrama em árvore salientando a distinção entre realismo e as diferentes versões de idealismo metafísico.

Classificação das Teorias da Mente

Propomos aqui um esquema classificação das diferentes concepções de filosofia da mente. Sete grandes grupos representando a discussão ao longo da história estão esboçados na figura abaixo:

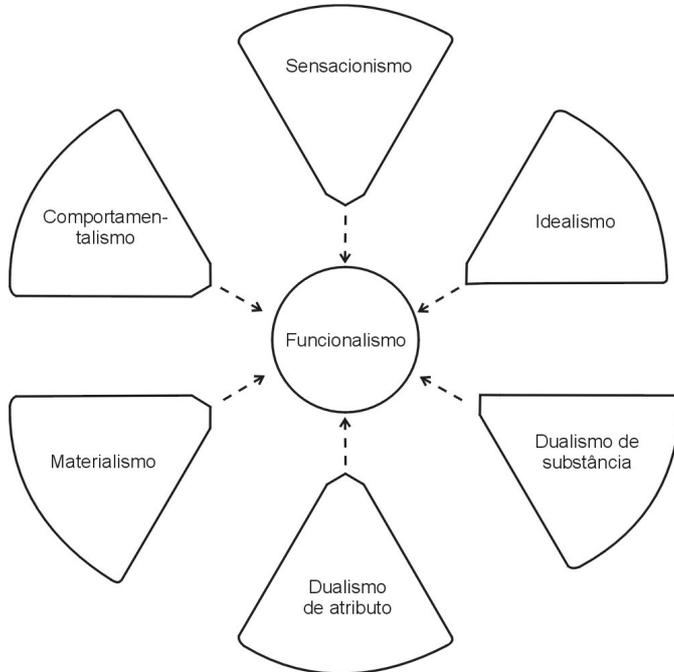


Fig. 6.1. Sete grandes grupos interpretativos sobre o problema mente-corpo.

Esses grupos são reunidos em um único diagrama, com as interseções indicadas na figura abaixo.

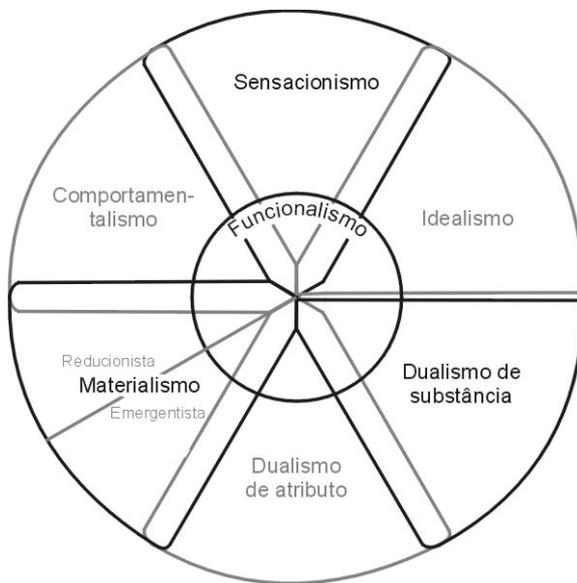


Fig. 6.2. Reunião dos sete grupos interpretativos. O materialismo é dividido em dois subgrupos importantes nas discussões mais recentes, o reducionista e o emergentista. Não há interseção entre o idealismo e o dualismo de substância. Já o funcionalismo é consistente com qualquer dos outros grupos.

Na figura seguinte, Fig. 6.3, algumas posições clássicas e modernas estão localizadas no diagrama, sendo que elas podem ocupar mais de um grupo (além da região de interseção), o que indica a incerteza ou ambiguidade da classificação.

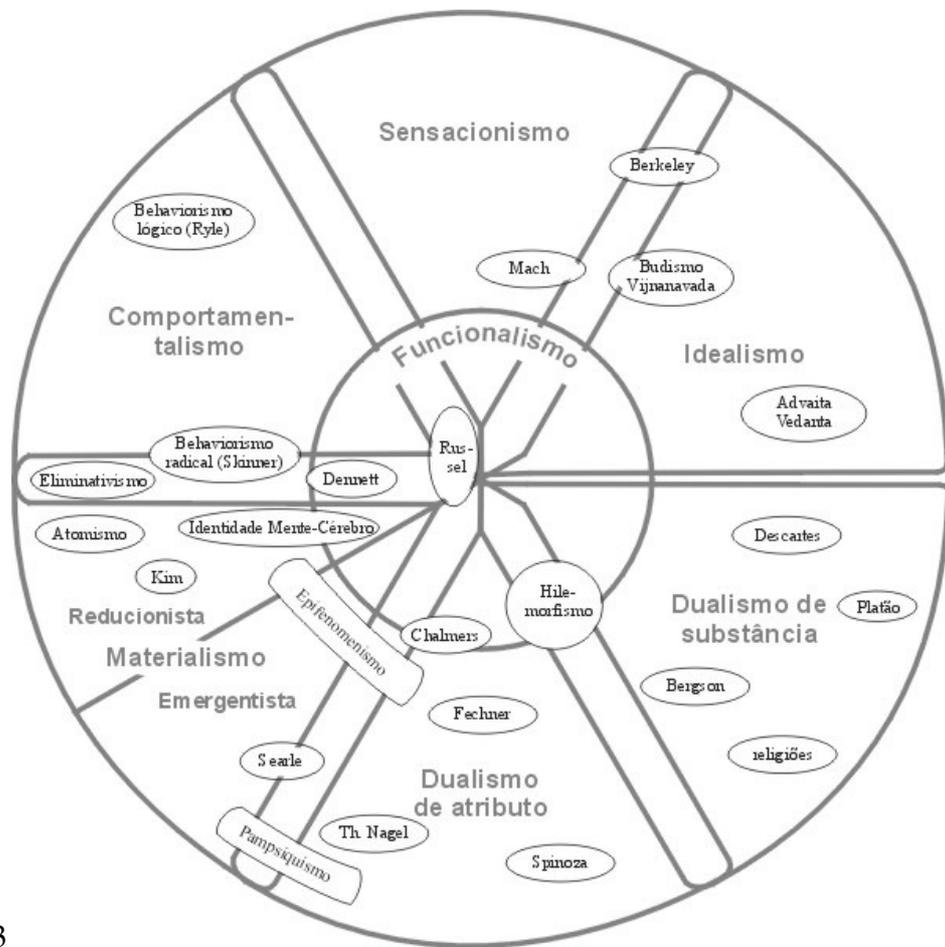


Fig.6.3

Qualquer pergunta divide o diagrama em diferentes regiões (Fig. 6.4). Aquela vista na primeira aula separa bem materialistas e espiritualistas (ou seja, dualistas de substância), mas a posição do dualismo de atributo (como em Spinoza) é incerta.

Em tentativas de classificar as posições mais contemporâneas, é útil deformar a figura para ampliar as posições materialistas reducionista e emergentista, e o dualismo de aspecto (Fig. 6.5).

Uma cópia material humana perfeita possui uma consciência perfeitamente semelhante?

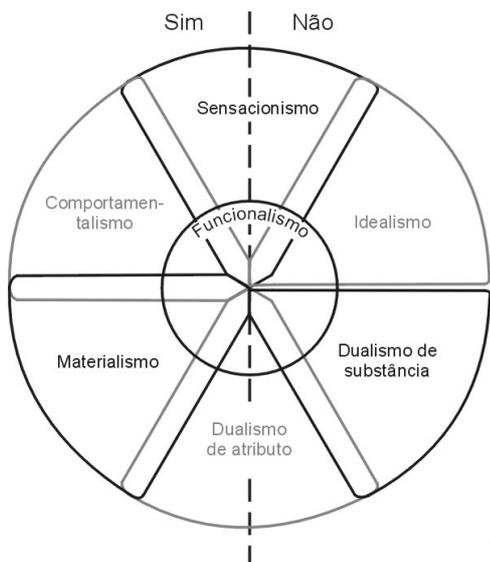


Fig. 6.4



Fig. 6.5

Glossário simplificado e pitoresco

Affordance (propiciamento) – Termo em inglês introduzido por J.J. Gibson, em sua teoria da percepção. Trata-se de uma relação entre um objeto percebido (ou algum estímulo do ambiente) e um organismo, que propicia a oportunidade para que o organismo realize uma ação. Por exemplo, um cacho baixo de amoras propicia o ato de pegá-lo e saboreá-las.

Alexandrismo – Interpretação feita por Alexandre de Afrodísias (séc. II AEC) do *De Anima* de Aristóteles, segundo a qual a alma, sendo a forma do corpo, desapareceria na morte do corpo. Retomada no Renascimento por Pietro Pomponazzi. Comparar com o criacionismo da alma, o monopsiquismo e o traducianismo. (Wikipédia)

Animismo – A tese de que tudo no universo tem uma alma ou espírito. Geralmente associado a religiões tribais. (SKRBINA, p. 19)

Behaviorismo – Corrente da psicologia (em português: “comportamentalismo”) que identifica estados mentais com disposições para o comportamento.

Biopsiquismo – Tese de que todos os seres vivos, mas apenas eles, têm consciência (termo usado por Haeckel, *The Monist*, v. II, p. 486). Comparar com pampsiquismo e zoopsiquismo.

Cérebro colorido – Tese fisicista segundo a qual as cores estão literalmente no encéfalo, assim como as outras modalidades de sensações. Termo usado por STUBENBERG (1998, p. 169). Defendida explicitamente por Thomas Case (1888), que chamou sua posição de “realismo físico”. Eu gosto de “fisicismo qualitativo”. Posição consistente com o panqualitativo.

Cosmopsiquismo – A concepção segundo a qual o mundo, como um todo, é consciente. Atribuída a Hegel (CHALMERS, 2013, p. 2).

Criacionismo – O criacionismo da alma (Tomás de Aquino) é a tese de que a alma individual é criada por Deus na concepção (comparar com o monopsiquismo, o traducianismo, o alexandrismo e o mortalismo). Num sentido mais amplo, “criacionismo” refere-se à visão religiosa de que o Universo foi criado por Deus.

Dualismo – Tese de que a alma existe de maneira independente do corpo material, sobrevivendo à morte deste. Defendida por Pitágoras, Platão, pelo Cristianismo, Descartes (dualismo de substância), Popper & Eccles.

Dualismo de atributo – Monismo proposto por Spinoza. Segundo o qual o mental e o físico são dois modos distintos da substância única de Deus (ou Natureza).

Dualismo de substância – Tese de Descartes que afirma a existência de duas substâncias separadas, a alma, pensamento ativo e sem extensão, e o corpo, extensão não-pensante e passiva. O problema que surge é porque essas substâncias parecem interagir causalmente. As respostas dadas na época foram o interacionalismo, o ocasionalismo e a harmonia pré-estabelecida.

Eliminativismo – Solução radical para o problema da explicação da consciência que afirma que só existe o cérebro material e seus estados cerebrais, de forma que a consciência pode ser eliminada de nosso quadro explicativo. Trata-se de uma forma de monismo materialista, defendida por Paul Churchland e Daniel Dennett. (BLOCK, B, p. 210.)

Epifenomenismo (epifenomenalismo) – Estados conscientes seriam em princípio totalmente explicados pelos estados cerebrais, de forma que a consciência ou a mente seriam meros “epifenômenos” do cérebro, ou seja, fenômenos subalternos. Trata-se de uma forma de reducionismo. Há quem argumente que estados cerebrais *causam* estados mentais, ou que os primeiros simplesmente explicam os segundos. Menos radical que o eliminativismo, é também uma forma de materialismo ou, no linguajar anglofônico, um fisicalismo reduutivo (não-emergentista). (MCLAUGHLIN, A, p. 598.)

Estruturalismo ontológico radical – A tese de que na natureza só existem relações (ou estruturas de relações), de natureza matemática, sem entidades substanciais sendo relacionadas (relações sem *relata*). Articulado por French & Ladyman no contexto da filosofia da ciência, onde é chamado “realismo estrutural ôntico”. Na esteira do kantismo, o “realismo estrutural epistêmico” é a tese defendida por Poincaré, Russell, Schlick e Carnap de que a ciência só tem acesso às estruturas de relações entre as entidades do mundo, e não às coisas em si. O “estruturalismo radical” (termo usado por van Fraassen) vai além e afirma que não há coisas em si (SEP: “Structural realism”). Pode ser considerado o grau máximo do funcionalismo.

Fenomenismo (fenomenalismo) – Proposições acerca da existência de objetos físicos seriam equivalentes em significado a proposições afirmando certas sequências de *sensações*. A versão conhecida como “teoria dos dados sensoriais” postula que os dados sensoriais são entidades mentais, porém é possível adotar uma “teoria adverbial” ou uma “teoria da aparência”.

Fisicismo (fisicalismo) – Termo difundido na década de 1970 para se referir ao materialismo, sem que se tenha que comprometer com a natureza última das entidades físicas, que poderiam não consistir de matéria, mas de energia, campos, etc. Trata-se de uma tese ontológica, distinta do uso feito por Carnap ao afirmar que todo termo de observação da linguagem da ciência designa propriedades observáveis das coisas *macroscópicas*.

Funcionalismo – Na filosofia da mente, designa correntes que definem estados mentais por suas funções (assim como um “carburador” é definido como qualquer coisa que mistura combustível e ar em um motor). Assim, os estados mentais seriam constituídos pelas relações causais existentes entre eles, além de pelas entradas sensoriais e pelas saídas comportamentais. Não importaria qual é o substrato da mente – matéria orgânica, matéria inorgânica, espírito –, o que importa seria a organização do sistema, ou o estado informacional. O chamado “funcionalismo de máquina” compara estados mentais com estados lógicos de um computador, que existem independentemente da natureza do hardware. O antônimo de funcionalismo seria “substancialismo”. Nas notas de aula, distinguimos o funcionalismo de estados mentais, de células biológicas e o subcelular; no limite, tende ao estruturalismo ontológico radical.

Harmonia pré-estabelecida – Tese de Leibniz, segundo a qual alma e corpo não interagem (contra a tese do interacionalismo). Deus teria resolvido criar um mundo possível no qual alma e corpo transcorrem de maneira coordenada, em harmonia, de maneira pré-estabelecida no início da criação.

Heceidade (ecceidade, ipseidade) (ing. *haeccity, thisness*) – Essência individual, propriedade que faz o indivíduo ser este indivíduo. Duas coisas indistinguíveis, que compartilhariam todas suas propriedades, inclusive localização espaço-temporal, seriam mesmo assim distintas (não idênticas) devido às suas heceidades. Nem todos aceitam que haja tal propriedade. Comparar com Quididade.

Hiloísmo – Sinônimo de “hiloteísmo”, uma versão do panteísmo segundo a qual a matéria é Deus, e não há Deus fora da matéria (Wikipédia).

Hilemorfismo (hilomorfismo) – Visão de Aristóteles segundo a qual toda substância consiste de matéria (hile) com forma (morfos). Associado também ao filósofo judeu Avicébron (séc. XI) que, inspirado em Aristóteles, defendeu que todos os seres são constituídos de matéria e forma, inclusive a alma.

Hilozoísmo – A doutrina de que toda matéria é intrinsecamente viva. Difere do pansiquismo porque atribui vida à matéria, e não psiquismo. Termo cunhado pelo platonista inglês Ralph Cudworth (1678). Atribuído a concepções da Grécia Antiga, e defendido no séc. XIX por Ernst Haeckel e Friedrich Paulsen. Variações: pambiotismo (P. Carus, 1892), panzoísmo.

Idealismo – Doutrinas de que a realidade não existe independentemente da mente. Há variações de doutrina conforme a “mente” em questão é concebida como externa à Natureza (idealismo absoluto), como presente em toda a Natureza (idealismo cósmico), como uma mente social impessoal (idealismo social), como a coleção das mentes individuais (idealismo pessoal) ou como a mente de uma única pessoa (solipsismo).

Identidade numérica – Uma e a mesma coisa. A ‘estrela d’alva’ e a ‘estrela Vésper’ têm identidade numérica, pois são o planeta Vênus visto sob diferentes perspectivas.

Identidade qualitativa – Duas coisas que compartilham todas as suas propriedades (na linguagem do realismo de universais), ou cujas propriedades (ou tropos) são todos perfeitamente semelhantes (numa linguagem mais nominalista). No experimento mental da cópia humana material perfeita, tem-se por construção identidade qualitativa (pelo menos em nível material) mas não identidade numérica (posso molhar uma cópia sem molhar a outra).

Identismo – Teoria da identidade mente-cérebro. Geralmente é associada com visões materialistas, mas há teorias da identidade em qualquer forma de monismo.

Individualismo aberto – Na filosofia da identidade pessoal, a tese de que só existe um sujeito numericamente idêntico, que são todos os sujeitos em todos os tempos. Contrapõe-se ao “individualismo fechado”, que considera que as identidades pessoais são particulares a sujeitos e sobrevivem no tempo (pelo menos até a morte) e o “individualismo vazio”, que considera a identidade pessoal apenas como um padrão momentâneo que desaparece com a passagem do tempo (como na visão do budismo e de Hume). O termo foi cunhado por Daniel Kolak, no livro *I am you* (2004). (Wikipédia.) Ver também o conto “The egg”, de Andy Weir (na internet). Comparar com monopsiquismo.

Interacionismo (interacionalismo) – Estados da mente e estados do corpo interagiriam causalmente. Para Descartes, isso se daria na glândula pineal.

Materialismo – Monismo que defende que o que chamamos de alma ou mente é na verdade apenas uma manifestação da matéria.

Mecanicismo – Concepção de que tudo (no mundo físico) é matéria em movimento. A matéria é concebida como “inerte”, sem potências internas e sem qualidades. O mecanicismo clássico dos atomistas, Gassendi e Descartes concebia que as únicas forças entre as partículas eram as colisões e os engates, e os animais eram concebidos como máquinas. No mecanicismo dinamicista de Newton e Leibniz, introduziram-se as forças à distância, ou seja, uma certa potência interna. Mas o mecanicismo sempre evitou a postulação de “qualidades” na matéria inanimada, e muito menos mentalidade, opondo-se assim ao panqualitativo e ao pansiquismo.

Mentalismo – Tese de que existe algo a ser chamado de “mente” para além do comportamento de um indivíduo. Tal mente pode ser um espírito imaterial, pode ser os estados mentais intencionais dos funcionalistas de estados mentais, pode ser fruto da organização das células do encéfalo (para o funcionalismo de células biológicas), pode envolver essencialmente alguma substância biológica (como no naturalismo biológico). O mentalismo foi bastante atacado por B.F. Skinner (C 482).

Metempsicose – Doutrina da transmigração da alma, segundo a qual a alma individual é imortal, sobrevivendo à morte, e reencarna em outros homens ou animais. Originada provavelmente na Babilônia, tal concepção foi incorporada em filosofias orientais como o hinduísmo e o budismo, e defendida por Pitágoras, e posteriormente por Sócrates e Platão. O termo “palingênese” (introduzido pelos estoicos e significando “renascimento”) também é usado, como em Schopenhauer, para quem só a Vontade se manifesta em outros indivíduos, não as representações de cada indivíduo.

Monismo – A tese de que existe só uma substância, que pode ser a matéria (materialismo), as ideias (idealismo), as sensações (monismo neutro) ou a substância divina (dualismo de atributos).

Monismo anômalo – Posição emergentista defendida por Donald Davidson, conciliando um fisicismo monista, a respeito da natureza fundamental das coisas e dos eventos, com uma negação da redutibilidade do mental para o físico. Ou seja, aceitaria um reducionismo ôntico mas não teórico. Não haveria leis conectando fenômenos mentais a estruturas físicas do cérebro. Origens históricas desta posição estaria em Kant. (GUTTENPLAN, G, 122)

Monismo neutro – Doutrina de que a realidade consiste de um único tipo de entidade, que não é nem mental, nem material. Para Hume e Mach, tal entidade seriam as sensações. Russell defendeu tal posição durante a década de 1920, chamando as entidades neutras de “sensibilia”.

Monopsiquismo – A tese de que todos os seres humanos possuem uma mesma consciência, mente, intelecto ou alma, que seria eterna. Averroes defendeu que na morte as memórias individuais desaparecem, sobrevivendo o intelecto (no sentido aristotélico), que seria compartilhado por todos. Termo cunhado por Leibniz. Comparar com o individualismo aberto (e também com o criacionismo da alma).

Mortalismo – No Cristianismo, a tese de que a alma morre ou dorme após a morte, até uma possível ressurreição. Comparar com psicopansiquismo e tanatopsiquismo, e também criacionismo.

Naturalismo biológico – Conceção desenvolvida por John Searle em 1980, envolvendo duas teses principais: 1) todos os fenômenos mentais são causados por processos cerebrais neurobiológicos; 2) os fenômenos mentais são processos de ordem superior do cérebro.

Ocasionalismo – Doutrina defendida por Malebranche e outros cartesianos, segundo a qual nenhuma entidade material tem eficácia causal, mas apenas Deus é o único e verdadeiro agente causal. Quando uma agulha espeta a pele, o evento físico é uma “ocasião” para Deus causar o estado mental de dor. Mente e corpo não interagem, mas a ação de Deus faz com que tenhamos a impressão desta interação.

Palingênese – Ver Metempsicose.

Pampsiquismo – A tese de que todo o mundo material é imbuído de alma, sentimento, psiquismo ou consciência, possivelmente em diferentes graus. Comparar com biopsiquismo, zoopsiquismo e hilozoísmo. CHALMERS (2013, p. 1) distingue: (i) Tese de que tudo tem uma mente; (ii) Tese de que algumas entidades físicas fundamentais têm consciência ou mente. Comparar com cosmopsiquismo, pamprotopsiquismo, pan-experencialismo, panqualitativo. Skrbina (2005, p. 16) define como “todos os objetos, ou sistemas de objetos, possuem uma experiência interior singular do mundo à sua volta”. Porém, para evitar o ridículo de defender que “pedras têm consciência”, o pampsiquista pode pedir que entendamos “mentalidade” não em termos de consciência humana, mas como “uma certa qualidade universal das coisas físicas”. Nesta caso, desliza-se suavemente para um panqualitativo. Outros termos usados: proto-mentalidade, ciência de baixo grau (*low-grade awareness*).

Pamprotopsiquismo – A concepção segundo a qual tudo ou boa parte do mundo têm propriedades que são precursoras da consciência. Por exemplo, partículas elementares da física teriam uma protoconsciência, ou propriedades profenômicas (CHALMERS, 2013, p. 3).

Pan-enteísmo – A visão de que Deus está em todas as coisas, sem ser idêntico à natureza. Termo originado com K.C.F. Krause (1828). De maneira análoga a que a água satura uma esponja, sem ser a esponja, Deus saturaria todas as coisas, mantendo-se transcendente e imutável (SKRBINA, p. 20). Comparar com Panteísmo.

Pan-experencialismo (panvivencialismo) – Tudo ou boa parte do mundo teria experiência (vivência) subjetiva. “Há algo que é como ser um quark” (CHALMERS, 2013, p. 1). Termo cunhado pelo filósofo de processo David R. Griffin (1977), está associado às concepções de Whitehead, Hartshorne e De Quincy. Atualmente “é a forma mais articulada de pampsiquismo” (SKRBINA, p. 21).

Panqualitativo (ing. *pan-quality-ism*) – Termo cunhado por Stephen Pepper e divulgado por Herbert Feigl a partir de 1960. Dado que, segundo a tese da identidade mente-cérebro, propriedades qualitativas da mente são idênticas a propriedades físicas, por analogia o panqualitativo estende semelhantes qualidades para todo o mundo físico, mesmo que tais qualidades sejam mais “desbotadas” ou menos complexas que as presentes no cérebro. Uma forma de pamprotopsiquismo.

Pansensismo – Tudo sente, é sensiente, de maneira análoga aos nossos sentidos (tato, olfato, etc.), podendo no limite ser uma mera reação a estímulos externos. Associado às visões pampsiquistas de Telésio, Campanella e Mach (SKRBINA, p. 20)

Panteísmo – Deus é idêntico a tudo o que existe; Deus é a natureza. Comparar com Pan-enteísmo.

Paralelismo psicofísico – O termo “paralelismo” refere-se à semelhança estrita que haveria entre as ocorrências na mente e no cérebro, ou, nas concepções dualistas clássicas, entre as substâncias pensante e extensa. Nestas concepções clássicas, o termo “paralelismo” englobaria o ocasionalismo, a harmonia pré-estabelecida (dualismos) e também o dualismo de atributos (um monismo). No século XIX, Fechner difundiu a expressão “paralelismo psicofísico”. No contexto britânico do final do séc. XIX, o paralelismo psicofísico foi bastante defendido, no sentido da tese da harmonia pré-estabelecida.

Patempirismo (empirismo emotivo) – Concepção do austríaco de Heinrich Gomperz (início do séc. XX), influenciada por Mach, segundo a qual sentimentos cognitivos dão forma à experiência e produzem representações (HACOHEN, p. 151-2).

Problema da explicação da consciência fenomênica – Como a consciência fenomênica pode ser explicada a partir de nossas teorias científicas? Reconhecidamente, há aí uma lacuna explicativa (*explanatory gap*). (BLOCK, B, p. 210; McLAUGHLIN, A, p. 598.)

Problema mente-corpo – Qual é a relação entre fenômenos mentais e fenômenos materiais (físicos)? Este é o problema mais amplo, que se desdobra em problemas mais particulares, relativos à consciência, ao livre arbítrio, à identidade pessoal, etc. As principais soluções podem ser classificadas como dualismo e monismo. O dualismo traz consigo a questão de como duas substâncias diferentes transcorrem em aparente paralelismo, e soluções clássicas são o interacionalismo, o ocasionalismo e a harmonia pré-estabelecida.

Psicopaniquismo – Tese mortalista de que, na morte, a alma entra em um estado de sono profundo ou inconsciência. Termo introduzido em 1534 por Calvino, em sua crítica a visões psicopaniquistas, sendo que em 1535 Lutero passou a defender tal posição. Também chamada de “hipnopsiquismo” (sono da alma), termo usado por Eustrácio de Constantinopla (em 582). Adotada por diversas correntes cristãs atuais. Comparar com tanatopsiquismo (Wikipédia).

Quiddidade (orig. quiddidade; ing. *quiddity, whatness*) – A essência de uma coisa. Propriedade que caracteriza o que é uma coisa. Comparar com Hecciedade. Supondo o realismo estrutural (como em Russell da *Análise da matéria*, 1927), segundo a qual a ciência só captura as relações (estruturas, formas) entre as coisas (ver estruturalismo ontológico radical), resta a questão de se as quiddidades (conteúdos, propriedades categoriais) são escrutáveis.

Sensacionismo (sensacionalismo) **ou sensualismo** – Tese de que todos os estados mentais são derivados, por associação, de sensações recebidas passivamente. Tal tese encontra-se em Hobbes, Condillac, Hartley e Mach, mas não em Locke, que via na reflexão uma fonte independente de ideias.

Solipsismo – Classe de doutrinas que atribui à perspectiva de primeira pessoa um estatuto privilegiado e irreduzível, de maneira que o eu estaria isolado de outras pessoas ou coisas. *S. ontológico ou metafísico*: a concepção de que toda realidade se reduz ao sujeito pensante. *S. epistemológico ou gnosiológico*: posições que são céticas quanto à existência do mundo externo, ou que defendem que é impossível conhecer outras mentes. Além dessas variantes principais, T. Vinci (C 751) menciona outras versões. *S. empático* (Thomas Nagel): estamos isolados de outros seres sencientes porque nunca podemos compreender adequadamente suas experiências. *S. semântico*: significados linguísticos seriam entidades mentais acessíveis

apenas ao usuário. *S. psicológico* (Wittgenstein): atribuição de estados psicológicos à primeira pessoa tem significado fundamentalmente diferente da atribuição à segunda ou à terceira pessoa. *S. metodológico*: Estados psicológicos de outros seres sencientes devem ser identificados com seus estados internos (mentais ou cerebrais), e não com estados externos ou de comportamento. Bertrand Russell (1948, p. 180) escreveu: “Certa vez recebi uma carta de uma lógica eminente, Sra. Christine Ladd-Franklin, falando que ela era uma solipsista, e que estava surpresa de que não houvesse outros. Vindo de uma lógica e uma solipsista, sua surpresa me surpreendeu”. Comparar com Idealismo.

Substancialismo – A concepção de que as entidades mais fundamentais são substâncias, e que a existência de todo o resto (propriedades, relações) depende de substâncias (C 775). Tomamos este termo como o oposto de funcionalismo, mas também é usado como oposto de fenomenismo.

Tanatopsiquismo – Tese mortalista segundo a qual, na morte do corpo, a alma também morre, retornando à vida somente na ressurreição. Tese atribuída por Eusébio de Cesarea (séc. IV) a certos cristãos árabes, em torno do ano de 248. Aparece também na obra *De doctrina christiana*, do poeta John Milton (c. 1674). Comparar com o psicopaniquismo.

Teoria do feixe (ing. *bundle theory*) – Objetos concretos consistiriam apenas de um conjunto de sensações ou propriedades, sem que se precise postular um substrato. Um objeto que persiste no tempo seria uma sucessão de tais objetos momentâneos. Hume estendeu a teoria do feixe para o “eu”.

Traducianismo – Na teologia cristã, a doutrina segundo a qual a alma individual é herdada das dos pais, ou seja, a alma individual é transmitida pelos pais, durante a geração natural, juntamente com as partes materiais. Assim, só a alma de Adão teria sido criada por Deus. Criticada por Tomás de Aquino, contrapõe-se ao criacionismo da alma. (Wikipédia)

Vertebropsiquismo – Neologismo exprimindo a posição zoopsiquista de que só animais vertebrados têm consciência. A inclusão de cefalópodes (polvos, etc.), como feito na Declaração de Cambridge sobre a Consciência (2012), constituiria o “vertebrocefalopsiquismo”.

Zoopsiquismo – Tese de que todos os animais (ou a maioria deles), e apenas eles, têm consciência (termo usado por Haeckel, *The Monist*, v. II, p. 486). Comparar com pampsiquismo, biopsiquismo e vertebropsiquismo.

Referências Bibliográficas

- A** ABBAGNANO, NICOLA (2007), *Dicionário de filosofia*, 5ª ed. revista e ampliada, trad. Alfredo Bosi & Ivone C. Benedetti, Martins Fontes, São Paulo.
- B** BLOCK, NED (1994), “Consciousness”, in GUTTENPLAN, S. (org.), *A companion to the philosophy of mind*, Blackwell, Oxford, pp. 210-9.
Versão posterior online: “Some concepts of consciousness” (1996):
<http://www.nyu.edu/gsas/dept/phil/faculty/block/papers/Abridged%20BBS.htm>
- C** AUDI, ROBERT (org.) (1995), *The Cambridge dictionary of philosophy*, Cambridge U. Press.
- G** GUTTENPLAN, SAMUEL (org.) (1994), *A companion to the philosophy of mind*, Blackwell, Oxford.
- L** LALANDE, ANDRÉ (1999), *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*, 3ª ed., trad. F.S. Correia, M.E.V. Aguiar, J.E. Torres & M.G. Souza, Martins Fontes, São Paulo.
- M** KIM, J. & SOSA, E. (orgs.) (1995), *A companion to metaphysics*. Oxford: Blackwell.
- N** NIINILUOTO, ILKA (1999), *Critical scientific realism*. Oxford: Oxford University Press.
- R** RUNES, DAGOBERT D. (1942), *The dictionary of philosophy*, 4ª ed., Philosophical Library, New York.
- SEP** *Stanford encyclopedia of philosophy*, online.
- T** TYE, MICHAEL (1995), “The burning house”, in METZINGER, T. (org.), *Conscious experience*, Imprint, Thorverton (UK), pp. 81-90.
- CHALMERS, D.J. (2013). “Panpsychism and panprotopsyism”. The Amherst lecture in philosophy, pp. 1-35. Online: http://www.amherstlecture.org/chalmers2013/chalmers2013_ALP.pdf
- DASGUPTA, S. (1975). *A history of Indian philosophy*. Vol. III. Delhi: Motilal Banarsidass.
- HACOHEN, M.H. (2000). *Karl Popper: the formative years, 1902-1945*. Cambridge University Press.
- NATSOULAS, T. (1983). Concepts of consciousness. *Journal of Mind and Behavior* 4: 13-59.
- RUSSELL, B. (1948). *Human knowledge: its scope and limits*. London: George Allen & Unwin.
- SKRBINA, D. (2005). *Panpsychism in the West*. Cambridge (MA): MIT Press.